



Joana Calado, psicóloga clínica e escritora

“A escrita é uma espécie de catarse, um desabafo, uma libertação”

Joana Calado nasceu a 1 de Maio de 1980, é casada e tem dois filhos. Vive numa pacata aldeia do concelho de Ourém. Psicóloga clínica formada no ISPA, é directora técnica de uma Casa de Acolhimento Residencial de crianças e jovens, na qual exerce o seu papel com total entrega e coração. Em paralelo coordena outros projectos na área social, exerce a prática clínica em contexto privado, foi Deputada na Assembleia Municipal e vice-presidente da Casa do Benfica de Ourém. Desde cedo que a escrita lhe permitiu voar mais alto e libertar a criatividade e a excentricidade que a caracteriza. Em 2015 inicia nas redes sociais o seu projecto “As Costas de um Anjo”, idealizado há muito, onde rapidamente atingiu um número expressivo de seguidores. Do blog ao livro foi um passo: editado pela Chiado, a obra “As Costas de um Anjo” é, sobretudo, um livro de amor. Um livro onde podemos encontrar várias formas de amar. Crónicas que podiam ser narradas por diferentes mulheres que se encaixam nos vários tipos de amores que conseguimos decifrar neste livro. Joana é uma pessoa de pessoas, que facilmente encanta e envolve os outros.

Em que altura da sua vida descobriu a vocação para a escrita?

Sempre escrevi, em cadernos que trazia nas malas, diários, guardanapos de papel, quando me surgia algo tinha sempre algo à mão onde pudesse dar asas à imaginação.

O que inspirou esta sua obra, “As Costas de um Anjo”?

Os amores e desamores que fui escutando. Enquanto psicóloga clínica conto já com alguns anos de desabafo que me inspiram e me influenciam a falar de amor. Sendo eu uma mulher que tenho como premissa de vida os afectos, foi sempre fácil falar de amor e das diversas formas de amar.

Como é o seu processo criativo?

Surge de situações banais, frases que me vêm à cabeça, ideias, conversas que escuto, imagens que vejo.

O que representa, para si, a escrita?

Uma espécie de catarse, um desabafo, uma libertação.

Que livros é que a influenciaram como escritora?

Foram vários, desde poesia, romances, histórias bonitas. Adoro Nicholas Sparks, por exemplo.



Considera que um livro pode mudar à vida?

Depende do livro, obviamente. Uma vida não digo, mas que pode ajudar a mudar a visão dessa mesma vida sim.

Tem outros projectos em carteira que gostaria de dar à estampa?

Os meus projectos passam por manter o que faço e continuar a escrever a minha próxima obra.

Um título para o livro da sua vida?

Eu e os meus segredos!

Viagem?

Maldivas.

Música?

Adoro música, ouço música o dia todo. Tenho várias músicas que definem os vários períodos da minha vida. Mas destaco “pedra filosofal”, que me lembra o meu pai

Quais os seus hobbies preferidos?

Yoga, ouvir música, ver futebol, ler, praia.

Se pudesse alterar um facto da história qual escolheria?

Nenhum. Todos fazem sentido.

Se um dia tivesse de entrar num filme que género preferiria?

Romance, obviamente!

O que mais aprecia nas pessoas?

A genuinidade, os valores, os afectos, a bondade.

O que mais detesta nelas?

A falta de carácter.

Acordo ortográfico. Sim ou não?

“Nim”.

PONTO FINAL

paulo.narciso@correiodoribatejo.pt

O bando

Santarém anda “nas bocas do mundo” que a provam. Mas já lá vamos. Antes, um ‘bando’ de quatro amigos que se diverte a percorrer as nossas ‘oficinas de degustação’ (sobretudo as de Santarém), altares de incomensurável prazer a que chamamos tascas ou restaurantes.

Não vamos com pressa. A pressa é inimiga do convívio, da mastigação demorada das iguarias e das conversas, harmonizadas com os néctares com que a região Tejo nos contempla.

Há três anos que iniciámos esta viagem, sempre em diferentes ‘portos de abrigo’.

No passado sábado, para assinalarmos a efeméride, fomos a ‘casa’ do recém nomeado ‘embaixador’ da gastronomia scalabitanana. Rodrigo Castelo domina a arte de fazer realçar no prato as matérias-primas que molda a seu belo gosto na cozinha: o peixe do rio, as carnes certificadas são disso exemplo feliz e também andam nas bocas deste mundo que as provam.

Não gosto de apelar esta ou aquela terra de ‘capital’ do que quer que seja, mas Santarém tem obrigações que outras não têm, como um Festival Nacional de Gastronomia que há 40 anos vimos crescer, agora nomeado para melhor evento do ano pela AHRESP (há que votar!).

Recentemente, alguns chef’s consagrados foram chamados ao Tejo para trabalhar, do rio até ao prato, o peixe que, em 2023, merecerá - anuncia-se - honras de festival. Mais um que ajudará a promover o potencial de Santarém enquanto destino turístico de experiências diversificadas, onde a gastronomia, o património cultural e natural, as tradições taurinas e equestres poderão ser pilares fundamentais de atracção de novos públicos.

Para Santarém anunciam-se vários eventos até Outubro, todos eles ligados à gastronomia: depois dos “Chefs ao Tejo”, os “Chefs à Lezíria” e “Food and Gin” são algumas das sugestões. Até ao final do mês servem-se ‘Petiscos & Vinhos do Tejo’, alguns deles consagrados recentemente pela ViniPortugal no Convento de São Francisco.

Mas este texto começou por abordar os rituais celebrativos de um ‘bando’.

Não somos quadrilha de indisciplinados malfetores, apenas um grupo, mais um, que percorre este vasto território em modo celebrativo e de fruição de espaços endeusados de convívio e de boa comida, que os há e muitos. Há quem lhes chame ‘catedrais’. Talvez por serem religiosamente frequentados. Quanto a nós, somos apenas mais quatro devotos do prazer de estar à mesa, a alimentar uma boa conversa.

Um ‘bando’ de pessoas comuns que se juntam com um mesmo propósito: provar Santarém.

João Paulo Narciso